

ESCRITA DO PROFESSOR, CIDADANIA E IDENTIDADE

Maria José R. Faria Coracini*

RESUMO: *Este artigo discute a questão da cidadania, a partir da análise de textos redigidos por professores da rede estadual paulista, para um concurso denominado "O professor escreve sua história", que nos permitiu estudar representações recorrentes sobre cidadania e cidadão, que habitam o imaginário desses profissionais da educação. Reflexões sobre a inserção social, ligada à cidadania constitui o objeto da segunda parte. Foi possível constatar que "cidadão", "cidadania" atrelados a "liberdade", "criticidade" constituem vocábulos, ao mesmo tempo, vazios e plenos de sentido: vazios, na medida em que parecem nada significar e plenos, na medida em que se apresentam como pacotes fechados de verdades naturalizadas e inquestionáveis. Esses mesmos pacotes não são desprovidos de conseqüências: carregam em si discriminações e preconceitos – escondidos e dissimulados – que minam nossa sociedade.*

PALAVRAS-CHAVE: *discurso, identidade, subjetividade, inserção social, cidadania.*

A freqüente alusão e até mesmo referência explícita à formação do cidadão nas redações de professores, como objetivo educacional, apontando para um discurso atual sobre a cidadania, recorrente no discurso político-educacional, levou-nos a investigar o assunto, em busca de respostas para perguntas que poderiam ser assim formuladas: O que significa ser cidadão e cida-

* Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Departamento de Linguística Aplicada.

dão consciente ou melhor cidadão crítico? É possível “ensinar” a ser cidadão? O que isso significa? Aliado a essas questões, encontra-se o tema bastante polêmico da inserção social, ou melhor dizendo da inclusão, questão que abordaremos a seguir.

Este trabalho se acha inserido no Projeto *Interdiscurso e Identidade*, apoiado pelo CNPq e pela FAPESP e se situa numa reflexão teórica em que se cruzam e se imbricam, ainda que de forma tensa e conflituosa, teorias do discurso e princípios da desconstrução.

Para responder às perguntas acima formuladas, foram analisados redações de professores para um concurso proposto pelo Estado de São Paulo denominado *O professor escreve a sua história*, de que derivou um livro com o mesmo título, publicado pela FDE e Abrelivros, em 1996. A esse respeito, convém assinalar que, embora o tema proposto sugerisse uma auto-biografia, não havia nenhuma exigência quanto a isso; por essa razão, temos redações em primeira pessoa ou em terceira pessoa, relatando fatos supostamente da vida profissional de um(a) colega ou da vida de um(a) aluno(a) no contato com um(a) professor(a) que podia corresponder ou não ao sujeito enunciador. Sabendo que escrever em primeira pessoa não garante a fidelidade aos fatos – aliás, o que significa ser fiel aos fatos, se assumirmos o pressuposto de que os fatos são construções discursivas e, como tal, resultam da subjetividade interpretativa? – entendemos que seja qual for a forma lingüística, haverá sempre traços que apontam para a singularidade do sujeito enunciador que se revela no e pelo dizer, ainda que, conscientemente, creia apenas dizer.

Num primeiro momento, analisaremos alguns recortes de redações de professores que apontam para a presença do discurso da cidadania e para as representações que atravessam o imaginário desses profissionais a esse respeito, para, num segundo momento, trazer à baila a questão da cidadania como inserção social e democrática, bem como a questão tão atual da hospitalidade, cuja perspectiva política tem fortes repercussões na sociedade em geral e na escola em particular.

1. A questão da cidadania na escrita de professores

- S.1 Vou fazer uma poesia pra lá de moderna,
Onde haja escola rimando com cidadania,
professor rimando com respeito,
aluno rimando com feliz. (p. 109)¹
- S.2 [nossa tarefa] é construir cidadãos críticos. (01938)
- S.3 Assim, vou dedicando à causa da educação meus
sonhos, labores, interesses, enquanto possa, no tra-
balho sagrado da sala de aula, berço da cidadania,
onde a Pátria nasce, renasce e se fortalece a cada dia,
nos bancos escolares. (01184)

Como é possível observar, esses excertos apontam para um antigo objetivo da escola que permanece na atualidade (formar, ou melhor, construir cidadãos e cidadãos críticos), ainda que não se saiba bem o que é ser cidadão e menos ainda cidadão crítico. Note-se, no primeiro e no último recortes, a relação entre escola e cidadania (“...escola rimando com cidadania”; “...trabalho sagrado da sala de aula, berço da cidadania...”): a escola seria, assim, a responsável direta pela formação da cidadania e, portanto, do cidadão (aluno), espécie de refrão que se repete, ora de forma mais poética, ora menos, em muitas das redações analisadas, como é possível verificar nos recortes que se seguem.

Ainda em S.1, os pares lexicais professor – respeito, aluno – feliz remetem à idéia de que cidadania, respeito e felicidade cami-

¹ O número da página, que se encontra no final do excerto ou segmento (S), insere-o na obra *O Professor escreve sua história*, resultante do concurso de mesmo nome. Os excertos seguintes, seguidos do número de registro, foram retirados do acervo de redações que se apresentaram para o concurso. É importante deixar registrado que tivemos acesso a todas as redações, graças à Profa Marisa Lajolo que gentilmente cedeu, para fins de análise, essa parte de seu acervo ao nosso grupo de pesquisa.

nham juntos, como conseqüência da tarefa “sagrada”, portanto, intocável, divina ou até mesmo mágica da escola. Aliás, a remissão ao discurso religioso não pára por aí: no terceiro recorte, retorna a imagem de professor abnegado (missionário, cf. Coracini, 2003) que dedica toda a sua vida (“enquanto possa”) à missão de educar e, portanto, de formar cidadãos. O professor entrega seus “sonhos, labores, interesses” à “causa da educação”: observe-se a imagem de escola ou melhor de sala de aula, como o lugar onde “a Pátria nasce, renasce e se fortalece”. Ligada à tarefa de construção da pátria, que se revela um tanto ufanista, se encontra, também no segundo recorte, a missão de construção da cidadania e do cidadão ao lado da idéia de que cabe ao professor, mais do que construir simples cidadãos, “construir cidadãos críticos”. Em todos os casos, inclusive no segundo recorte, os enunciados pressupõem um consenso sobre o que seja cidadania, ser cidadão e crítico; tal consenso fecha as possibilidades (a meu ver, salutares) de questionamento das verdades subjacentes.

Vejamos mais um excerto:

S.4 Passo a passo, comigo, eles foram subindo degraus e de repente aqueles então “favelados” estavam tornando-se alunos” (p. 119).

Observe-se, nesse excerto, o efeito de sentido de “passo a passo, comigo, eles foram subindo degraus”: o professor (na 1ª pessoa do singular, se apresenta como um pastor – aquele que, de posse da verdade, conduz o seu rebanho ao caminho ascendente (difícil porque é preciso galgar os (de)graus) em direção ao paraíso, ou ao menos, a um lugar mais alto (metáfora conceitual, no dizer de Lakoff & Johnson, 1980). Sem ele, não seria possível avançar e, muito menos, chegar ao topo... E, “de repente”, quase que por um efeito de magia, de milagre, “o favelado se transforma em aluno” (ou em gente?). Atente-se para a oposição favelado/aluno e para o efeito de sentido da locução adverbial “de repente”: se, na primeira parte de

